

## Bem-te-vis imagéticos no encontro com o outro – olhares da movimentação cidade-campo

Marcelo Vaz Pupo<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este artigo apresenta uma reflexão a partir da leitura bibliográfica de autores que, em seus diversos enfoques, discutem a ideia de crise contemporânea. Tendo como experiência os trabalhos embasados pela Agroecologia, concateno ideias sobre as movimentações que fazem os sujeitos do campo. Que imagens o mundo rural faz? Que imagens fazem dele? Este mundo nos apresenta outra racionalidade, diversa daquela que normaliza, massifica e padroniza. Esta outra forma de agir e pensar vem preenchendo nosso imaginário de futuros possíveis. A transmissão deste sentido humano é carregada de interferências, assim como vem sendo sistematicamente obliterado. Esta obliteração é uma das razões de nossa crise contemporânea, e atentar para o que propõe os sujeitos do campo é uma tarefa importante na superação desta crise. Afinal, que imagens nós fazemos deste ente, o camponês, que remonta nossa história e nossa memória?

**Palavras-chave:** cultura do campo, educação do olhar, crise da modernidade, agroecologia, movimentos sociais do campo.

### ABSTRACT:

This article presents an analysis conducted from reading the literature of authors who, in their different approaches, have been discussing the idea of contemporary crisis. Based on my practical experience and theoretical research in Agroecology, I concatenate arguments and concepts to bring out a specific framework to look at countryside people - small farmers, particularly. What images do they build of the countryside? What images are projected about them? This world presents us another rationality, a different way of life, different from what usually normalizes and standardizes us, a demassification place. This other way of acting and thinking is filling our imagination of possible futures, social and environmentally speaking. The transmission of this human sense is full of interference, as well as this very meaning is being systematically obliterated. This obliteration, institutionalized is one of the reasons behind our contemporary crisis, and look for the solution that offers the organized small family farmers is a sensible and important task in overcoming this crisis. After all, what images do we make of this entity, the peasant, which dates our history and our memory?

**Keywords:** countryside culture, contemporary crisis, agroecology, rural social movements.

### 1. Introdução

Crise contemporânea<sup>2</sup>: capitalismo mundial integrado, economia de lucro e relações de poder, degradação sistêmica de culturas e habitats, monopólio midiático e mídia monopolizante, criminalização de movimentos sociais, insustentabilidade do paradigma

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas, aluno do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

<sup>2</sup> A ideia de crise neste artigo relaciona-se a maneira como João Francisco Duarte Jr (2000) a apresenta.

dominante. São muitas as palavras que nos ajudam a designar este ininterrupto mal-estar civilizatório. Nos habituamos a vivenciar um mundo destituído dos direitos mais básicos.

Vivemos num sistema cujo projeto hegemônico, apesar de não declarado como tal, está fundado na disputa e na negação mútua entre os indivíduos, sob o convite à livre competição. Sob o eufemismo "mercado livre e sadia competição", somos educados para interagir a partir da negação do outro. Dessa forma, a competição não é e nem pode ser sadia. Como fenômeno cultural e humano, a competição nega a cooperação na convivência. E esta mesma negação, institucionalizada, acaba por destruir o mundo natural que nos sustenta.

Parece-nos que a única democratização que se efetiva é aquela do terror do consumo. Fundamentado na fragmentação e negação das diferenças culturais e dos modos particulares de expressão, este terror impõe à globalização uma única forma de acontecer, que nos desterritorializa e faz de nós "mínimos-eus", seres aptos a consumirem a mesmice industrial<sup>3</sup>.

## 2. Desenvolvimento

Ao debater ação social percebemos a dificuldade que existe de nos "integralizarmos" naquilo que somos por completo. Como se nossa personalidade estivesse fragmentada entre o trabalho, a família, a vida em geral, como se não houvesse inter-relação entre o que fazemos no dia-a-dia. Percebemos também a falta de espaços onde pudéssemos refletir sobre isso.

Até mesmo os alimentos estão sujeitos à minimalização - refinação, pasteurização, esterilização, café sem cafeína, queijo sem gordura, doce sem açúcar. A lógica da redução de custos tem feito dos alimentos verdadeiros "placebos nutricionais". A indústria alimentícia vem retirando ingredientes básicos de seus produtos a fim de torná-los mais rentáveis. A sensação de fome persiste, ensejando o aumento do consumo de mais alimentos com baixo teor nutricional. O mesmo mercado que produz a fome também oferece as cápsulas de suplementos alimentares. Vemos de novo a lógica da fragmentação a favor do terror do consumo<sup>4</sup>.

Testemunhamos o império do mercado mundial que lamina e nega o que somos; desconstitui nossa maneira de existir em nossos territórios; desalinha-nos a sabedoria de viver

---

3 Tanto Ana Ribeiro (2005) quanto Félix Guattari (1990) trazem a ideia de "fragmentação" e "laminação" para debater alienação do território e dominação cultural pelo mercado, respectivamente. Aliado à esta sensação de fragmento, o "mínimo-eu" de Lash (1986) representa o resultado de indivíduos desapropriados do discernimento do que ele necessita para ser saudável e feliz.

4 No artigo "Fome em abundância", Robert Kurz (1998) denuncia a estratégia das grandes corporações e os absurdos cometidos pela indústria alimentícia em nome do lucro.

integrados aos sistemas sociais e naturais que remontam às nossas origens, desagregando-os: árvore sem frutos, soja sem grão, planeta sem atmosfera, ar sem pulmão.

A modernidade tem nos apresentado modos de vida que evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. Pautados numa "razão-pura", nossa forma de produzir conhecimento igualmente nos achata, pois se baseia em sistemas de valor "unidimensionalizantes". Uma ciência alérgica a todas as coisas sensíveis que ela tende a desprezar, pelo motivo de que elas não podem reduzir-se a uma intelectualidade pura. Não legitimamos (e desperdiçamos) o conhecimento de inúmeras culturas tradicionais, assim como desconsideramos o saber sensível detido pelo corpo humano. E até mesmo o embotamos, ao não desenvolver a sensibilidade dos indivíduos<sup>5</sup>. Fatos também explicados pela ciência que ao ser financiada por este império mundial, torna-se um mero instrumento de seus desejos.

Vemo-nos rodeados de evidências do desestímulo a qualquer refinamento dos sentidos humanos, promovendo a sua regressão a níveis grosseiros. Nossas cidades, relações pessoais e as coisas que criamos refletem o processo que faz de nós, e do mundo, doentes: prédios anoréxicos e casas sem afeto, negócios paranoicos e conversas frias, horizontes ocultos, mãos que só tocam o artificial, alimentos feito às pressas e de modo automático, insossos, contaminados e modificados industrialmente, produzidos em monoculturas neurótico-obsessivas... Entorpecidos psiquicamente, reprimimos nossas reações aos detalhes básicos, mantendo uma inconsciência que aliena e desorienta nossa alma interior<sup>6</sup>.

Ditado pela razão-pura tornamos hábito o distanciamento com nosso ser biológico. Condenamos ao esquecimento o fato de que o humano é justo aquilo que se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. Estamos "antolhados" pela máxima de que o que caracteriza o humano é a razão, e cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo que nega o racional. No entanto, se pensarmos as emoções e seus conjuntos como "disposições corporais que especificam domínios de ação", podemos concluir que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato.

Via de regra, predomina hoje certo "domínio de ações" que nos impulsiona a disputar com e a negar o outro, incorporando assim a competição e a disputa como condições de sobrevivência. As emoções envolvidas nessa relação, portanto, têm especificado um conjunto de ações que nos levam a este quadro de progressiva deterioração<sup>7</sup>. No entanto, quais são os

---

5 Em tese de doutorado, Duarte Jr. (2000) critica o desprezo da dimensão sensível humana como uma forma de saber por parte da "inteligentsia" ao longo desses séculos, e propõem uma educação (do) sensível.

6 Diz o psicólogo James Hillman (1993) que no século XX o paciente em crise é o próprio mundo, ressaltando também a "fragmentação" que vivemos como um sintoma da modernidade.

7 Humberto Maturana (1998), dissecou nossa racionalidade e nos apresenta os perigos de educar para competir

domínios que fundam as ações humanizadoras? Ações que têm permitido ao longo das eras a manutenção de um modo de vida que se caracteriza pelo compartilhar alimentos no prazer da convivência, no querer estar junto? Se a história do ser humano está permeada destas características, podemos constatar a existência de domínios de ações que fazem do outro um legítimo outro na convivência, de forma a ampliá-la e estabilizá-la<sup>8</sup>.

Ações baseadas na colaboração são constitutivas do humano e são o fundamento do social. Interações humanas baseadas em ações diferentes destas parecem não implicar na legitimação do outro na convivência - aplicadas de forma massiva, não seriam estas ações as responsáveis pelos distúrbios do indivíduo e do mundo: desequilíbrio, esquizofrenia, loucura?

Parece haver uma convergência onde observamos a criatividade em ação: diversas comunidades humanas expressam formas de convivência na partilha e na colaboração. Porém, parece haver também um aniquilamento dos agenciadores que permitem saber e "saborear" estas expressões humanas - cegos, surdos e distantes de qualquer contato com elas.

A esta anestesia geral que nos atinge, é necessário outras poéticas políticas, que, ao promoverem a reabilitação dos sentidos, criam uma razão mais ampla e nos possibilitam saberes mais abrangentes - uma razão que enxergue os entrelaçamentos cotidianos que constituem o viver humano, dando-se conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional<sup>9</sup>. Novos discernimentos podem ser estimulados, ajudando-nos a compreender a temporalidade dos fatos e a varar a aparente unidimensionalidade deste período para atingir o ontem, reconhecer o hoje e inventar o amanhã.

Transcender o tempo, discernir os fatos, dialogar o mundo que se sente, comunicar e participar parecem ser ações envolvidas numa nova articulação ético-política, em um novo paradigma estético. Articulação onde as dimensões ambientais, sociais e subjetivas sejam recombinadas no sentido de uma resinificação das experiências coletivas, afim de constituirmos outros territórios onde a humanidade seja viável, percebida e vivenciada<sup>10</sup>.

Se ampliarmos o espectro do que é "real", aí encontraremos, ao menos, maiores possibilidades do existir. No filme *Matrix*, o protagonista emerge subitamente do plasma onde

---

no mercado. Seu trabalho aponta para o problema da negação do outro enquanto regra básica na sociedade capitalista.

8 Assim como Maturana, Hillman (1993) nos lembra que o propósito da convivência com o outro tinha antes uma motivação mais social e afetiva do que econômica e política, como vemos hoje.

9 A supervalorização da razão é tema tanto para Duarte Jr. (2000) quanto para Maturana (1998), que valorizam a "razão sensível" e as emoções na superação de nossos atuais problemas.

10 A noção de "existir" de Paulo Freire (2006) parece apoiar a articulação ético-política que Guattari (1990) chama de "ecosofia". Segundo este autor, apenas uma articulação entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é capaz de esclarecer a crise contemporânea no conjunto de suas implicações.

se mantinha cativo e aprisionado no mundo virtual processado pela matrix. Como um bebê parido que inicia uma nova etapa, o primeiro respiro pulmonar do protagonista nos inspira a refletir sobre os "despertares" para outras formas do fazer acontecer.

Que mundo é esse que se apresenta pra nós? Que realidades nos são servidas, como o prato principal, nas escolas, nas ruas, na TV? O mesmo *fast-food* como que embalado num jornal de letras mortas, descartável, desenriquecido, esterilizado da lanchonete da esquina<sup>11</sup>?

Uma sociologia das ausências seria capaz de nos indicar práticas sociais que hoje são consideradas por muitos como ausentes, quase imperceptível para o conjunto da sociedade. As culturas dos povos do campo, da floresta, povos indígenas, ribeirinhos e camponeses, se adaptam à conjuntura do presente criando estratégias de reexistência em direção ao futuro. Carregam consigo formas predominantemente não-capitalistas de viver; transmitem modos de vida onde o saber acumulado tem sido o aliado na reprodução de sua cultura e na manutenção das condições que garantem sua sobrevivência, não fazendo do conhecimento associado a estes saberes instrumento de opressão e discriminação entre os diferentes grupos sociais<sup>12</sup>.

Se nos voltarmos para os trânsitos sociais campo-cidade, constataremos que a antiga previsão do inevitável desaparecimento dos camponeses, frente ao avanço da agricultura industrial e do capitalismo no campo, vem sendo continuamente contrariada. Diante de um mundo crescentemente urbanizado, novas ruralidades apontam caminhos fecundos para a redistribuição demográfica e a descentralização econômica. Outras racionalidades e pensares não-capitalistas ocorrem em várias regiões, protagonizados por famílias agricultoras e suas organizações. Efervescem, em todo campo, agriculturas populares<sup>13</sup>.

Em uma atividade realizada em Sumaré-SP, refletimos sobre o que víamos em uma das unidades produtivas do Assentamento III. Aquela plantação de frutas em nada se assemelhava ao ordenamento padronizado dos laranjais de Limeira-SP, que são vistos até mesmo da rodovia Anhanguera. Não. Nem mesmo as goiabeiras enfileiradas de outros lotes do assentamento se comparavam àquele pomar. A começar pelo nome de batismo: Pomar... Pomar não nos remete a apenas uma fruta, pensa-se logo em várias. E caminhar por ele não permitiria, tão cedo, que se nos achegasse a monotonia: eram muitas as surpresas num breve

---

11 Almeida (1999) nos mostra que filmes e programas de televisão nos deixam ver e entrever mensagens existenciais. As imagens são também mensagens. Neste sentido, não é difícil relacionar os conteúdos das mídias imagéticas com o "catecismo de consumo" que sacraliza o mercado.

12 Boaventura de Sousa Santos (2002) propõe "expandir o presente" para valorizar a experiência social que está em curso no mundo de hoje, evitando assim seu desperdício. O objetivo desta "ampliação do mundo" é transformar as ausências - que são produzidas como tal - em presenças.

13 Petersen (2009) é pesquisador da Associação Agricultura Familiar e Agroecologia - AS-PTA, e editor da "Revista agriculturas", que vem demonstrando o avanço da agroecologia através de experiências protagonizadas pela agricultura familiar e suas organizações.

passeio. Tantas frutas, pés disso e daquilo, folhas finas, folhas vistosas, plantas estranhas ao olhar urbano. Jenipapo, caju, urucum, banana, acerola e mexerica compunham não só o quadro vivo da diversidade, mas a oferta de alimento para a família, o pai, a mãe, as filhas e genros, vizinhos e amigos, como também para os porcos, galinhas, cachorros, cavalo e para o bezerro que víamos correndo no pasto. O pomar remonta o uso amistoso da terra, nos referenciando a um quintal antigo que floresce em diversidade, cores, sabores e memórias.

Além da função essencial de produzir alimentos em quantidade, qualidade e diversidade, ele molda estilos de vida e produção que se adaptam a mudanças de contextos climáticos, econômicos e socioculturais. Concretude ao ideal de sustentabilidade?

Persiste então a questão: como tornar visíveis essas práticas humanas? Como ampliar o real, ou melhor, aquilo que entendemos que é expressivo de tudo o que existe? Ou ainda, como saber destes territórios identificando os elementos que fazem deles o que são?

A noção de recampesinização do mundo rural pode ser interpretada como uma forma de resistência da agricultura familiar diante dos impérios agroalimentares. A agricultura familiar trabalha sua emancipação a partir do emprego de seu trabalho e de seus conhecimentos na valorização dos potenciais locais. Assim trabalhada, a emancipação do camponês contribui diretamente para o desenvolvimento da sociedade em que ele está inserido - ao invés de alimentar o consumismo, alimenta-se a reciprocidade e a solidariedade social; ao invés de bocas famintas, alimentos para inexistir a fome<sup>14</sup>.

Seria esse construto uma das trilhas indicativas de nova articulação ético-política na criação de novos territórios, preenchidos de outras dimensões estéticas?

As grandes mobilizações na década de 1990 realimentaram a discussão sobre o papel da agricultura familiar no cenário sócio-político brasileiro. Elas têm funcionado, a ver pela reação do sistema hegemônico (mídia, esfera jurídica), como rompantes do *status quo*. Por ameaçar a ordem ao apresentar à sociedade alternativas para problemas estruturais, apoiando-se em forças humanizantes, estes movimentos recebem respostas que não têm poupado vidas ou escrúpulos, materializando a consequência mais extremada de ações que negam ao outro não apenas legitimidade na convivência, mas sua própria existência<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Petersen (2009) apresenta alguns estudos que nos ajudam a evitar interpretações empobrecedoras da atual realidade do mundo rural e a enfoques maniqueístas de seu processo histórico. A noção de recampesinização não é um retorno ao passado, ela indica, ao contrário, caminhos para superar a crise civilizatória, analisando a agricultura familiar em suas "matizes de campesinidade".

<sup>15</sup> "Os cinco assassinatos ocorridos em sequência nas últimas semanas (...) atestam que o inadmissível continua acontecendo no Brasil". Este é um trecho do "Manifesto Contra a Violência e a Morte no Campo Brasileiro", escrito em junho de 2011 por ocasião da morte, entre outras, de Maria do Espírito Santo da Silva, pedagoga formada pelo Programa de Educação na Reforma Agrária.

Vemos que as diferentes expressões agrícolas - populares ou capitalistas - e os processos a elas inerentes nos mostram mundos distintos e repletos de antagonismos, mas que disputam o mesmo solo que produz. Por isso estes "mundos" distintos e seus projetos de sociedade congregam as contradições básicas que estão na raiz de nossa crise civilizatória.

Que papel a crise agrária tem na formação da crise geral? Como salvaguarda e o reconhecimento da agricultura "pobre" pode contribuir para superar a crise contemporânea<sup>16</sup>?

O olhar que é lançado sobre as agriculturas populares acaba por enxergar o desejo da convivência com o outro; acaba por se deparar com a herança histórica que reflete a nós próprios - um espelho onde olhar o outro é me enxergar. E neste ato parece haver a recriação da unidade básica da vida social que se constitui não por indivíduos, mas por um duplo, que só pode ser nomeada como "nós-eu"<sup>17</sup>. Esta visão parece indicar amplos horizontes, preenchidos da atmosfera que revigora o fôlego da existência humana, num desmergulho da realidade aparentemente imutável, chapada e lacrada.

Interesso-me pela pergunta "quem é o camponês?" pois soa-me como se perguntasse de mim mesmo, "quem é o camponês-eu?". Este personagem que vem reexistindo como uma imanência da terra fértil; que vida ele-eu tem? Que terra-território, material e imaterial, ele fia e desfia, como quem, ao semear o chão pro fruto colher, refaz o gesto criado pela humanidade há milhares de anos? Quem são estes seres que, fecundando a mãe-terra, tornam-se, sem perceber, guardadores de rebanhos, sentinelas do amor?

Que territórios são esses, fundados sobre este modo de vida que se reinventa na permanência? O que na vida destes sujeitos marca sua persistência, seu sertão? - "sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar" (Guimarães Rosa, 2006). O que em suas vidas enreda o aprendizado-cuidado com a terra, marcada por atos como colher, semear, esperar? A surpresa se apresenta sobre a mesa, e permito passagem às imagens que parecem narrar-me a estória do alimento, contando-me do caminho até ali - mãos, broto, brisa, cavalo-caminhão, sombra, gentes, mato, quitanda, supermercado, meu prato. Linha desnovelada, numa ponta o prato na outra o mato. Mas a sensação é de que este novelo não termina, talvez nem pontas ele tenha, e aí essas coisas todas da terra e do alimento inspirem mais a ideia de fios dentro de fios, semente da semente - as sementes são como retratos condutores de ancestralidades, de infinitos detalhes, mas se preenchem de uma

---

<sup>16</sup> No livro "História das agriculturas no mundo", Marcel Mazoyer (2010) traça uma genealogia dos sistemas que hoje são a herança agrária da humanidade, e a partir daí analisa a correlação entre a crise agrária e a crise geral.

<sup>17</sup> Ana Ribeiro (2005) nos lembra que o "nós-eu" se cria quando os gestos e sabores, de atos como a relação face a face, a co-presença, estimulam nossa memória coletiva.

consistência monstruosa pois carregam em si o padrão de sempre: terra, germe, broto, planta, semente e gente. Elas e nós somos uma verdadeira imagem fractalizada: condutores de ancestralidades no mesmo retrato de múltiplas escalas - fractais camponeses, fractais do pensamento mais forte que o lugar, fractais do sertão, em mim<sup>18</sup>.

Que forma de agir e pensar é esta, destes sujeitos do campo, que resiste à morte da memória e com ela persistida (pois intrínseca a eles e nós todos) reelabora o real, a práxis, a vida (não só a deles, mas do conjunto)? Quais marcas nos fazem, quais são seus "en-signos" e processos de aprendizagem<sup>19</sup>? Das inúmeras imagens que desse *corpus* se sucedem, quais se quer fazer emergir? Aquelas que conotam ações contra-hegemônicas? Que fazem propostas frente à crise? Que identificam novas subjetividades no perene conflito do reinventar-se? Que emergem das mutações existenciais derivadas deste processo de recampesinização? Que expõem a metamorfose da (nossa-minha) memória imortal?

### 3. Conclusão

Parece interessante debruçar-se sobre as imagens das agriculturas populares, dos diferenciais que elas apresentam no atual contexto de massificação de imagens, ao mesmo tempo em que gestam um continuum no existir, misterioso e fora do alcance da razão pura.

Este "educandário" da agricultura popular engaja temporalidades que tencionam no sentido de apontar uma vida possível, expondo problemáticas cruciais de nosso tempo. Parece-me que o "dar a existir" das agriculturas populares geram singularidades que distanciam-se da subjetividade normalizada<sup>20</sup>.

Penso que a imagem possa delinear caminhos comunicativos livres da inteligibilidade discursiva que nos limita. A imagem permite a quem utilize dela descrever-se a si mesmo e às suas circunstâncias, donde derivam a reflexão e a consciência. Penso que a reflexão sobre as imagens deste mundo enovelado pela relação campo-cidade-campo nos ajuda a sair da agonia causada pela incapacidade generalizada de compreendermos nossa natureza (social) e

---

18 Impressiona ver em "Grande Sertão", de Guimarães Rosa (2006), uma leitura tão vigorosa em sua proposta de nos arrebatam os sentidos quanto aos sentidos do lugar. Ao contar de si, o ser-sertão Riobaldo, protagonista da estória, faz-nos visitar nossos próprios sertões; saber o que somos em qualquer "onde" que estamos. Sentir, assim, é um desdobramento de mim e uma vereda entre meus áridos, uma vereda no meu "imaginário".

19 Alik Wunder (2007) nos mostra que ensinar tem suas próprias marcas, deixam signos, tal qual a luz que sublinha dizeres sobre os suportes sensíveis à ela. O trabalho com imagens ganha perguntas interessantes - que "ensignos" queremos elaborar? que dimensões de nossas identidades gostaríamos de manter persistida?

20 Em contraposição ao "normalizado", Guattari (1990) monta o discurso da singularidade de modo a desmontar os arranjos-chave da "sociedade capitalística" - desconstruir as subjetividades que estão a serviço desta sociedade através da emersão de novos "universos de referência" e "territórios existenciais".



convivermos com o outro. A interação de recorrência cotidiana com o mundo rural nos une profunda e singularmente, o que alimenta o ente "camponês-eu". Voltar nosso olhar descobridor para esta identidade talvez faça avançar a compreensão de que a confiança recíproca deste duplo ser é um suporte fundamental do viver social.

É sensato que busquemos formas mais harmônicas de sentir esse mundo que nos une. O desarranjo discursivo promovido pelas imagens favorece o pensamento transversal entre os elementos psíquicos, sociais e ambientais deste mundo. É uma maneira de dar forma a uma indignação, expressar os sentimentos que denotam o quão indigno é viver aniquilado da compreensão do que nos compõem.

O trabalho com as imagens pode catalisar o entendimento da reciprocidade que une o rural e o urbano, em muitos momentos marcada pela invisibilidade e intransponibilidade. Quais poéticas políticas aqui se visualizam? Tal qual o anúncio do pássaro que canta "bem-te-vi", bem vemos o que? O que está à vista? O que mal vejo? O que mal vejo, imagino? O que está ao alcance da percepção imagética, da imaginação? Que "Bem-te-vis imagéticos" podem ser formulados no encontro e nas movimentações<sup>21</sup> com as memórias (imortais)?

O exercício de olhar sobre este encontro pode identificar algum ponto cego. Onde estamos colonizados? Certamente somos feitos do que nos indigna. Mas na síntese do eu-camponês, enxergar "comunicabilidades" permitiriam exatamente este autoentendimento, este auto-olhar: ver com os olhos, os olhos que se vê. Talvez seja a única maneira de vermos que mundo construímos, que ilusões nos servem de alicerce. Percebido a partir deste encontro com o outro, as limitações ganham a nuance do objeto que se quer transformar - "des-ausentá-las", torná-las perceptíveis para alimentar o ciclo de nosso próprio devir.

### 3. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Milton J.. A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. **Pro-Posições**, v.10, n.2 (29), julho, 1999.

AMORIM, Antonio C. R.. Imagens e Narrativas Entrecortando a Produção de Conhecimentos Escolares *In: Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n.86, p. 37-56, abril 2004.

DUARTE JR. , João F.. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**. Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Tese de Doutorado. Campinas, SP. 2000.

---

<sup>21</sup> Milton José Almeida (1999), no mesmo artigo "Educação visual da memória", também nos ensina que o conhecimento visual cotidiano participa da educação da memória num processo cuja configuração estética é política e cultural, como também é uma forma complexa do viver social - é um processo de educação cultural da inteligência.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 29ª ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas-SP: Editora Papirus, 1990.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2006.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, S1993.

KURZ, Robert. Fome em Abundância. **Folha de S. Paulo**, 26 julho, 1998.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

"Manifesto Contra a Violência e a Morte no Campo Brasileiro". Acessado dia 10/08/2011 em: <http://contraagrotoxicosdf.wordpress.com/2011/06/08/manifesto-de-educadores-e-estudantes-contra-a-violencia-e-a-morte-no-campo-brasileiro/>

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Trad. José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das Agriculturas no Mundo: do neolítico a crise contemporânea**. Trad. Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

PETERSEN, Paulo (org.). **Agricultura Familiar Camponesa na Construção do Futuro**. AS-PTA. 2009.

RIBEIRO, Ana Clara T.. **Outros territórios, outros mapas**. Observatório Social de América Latina. Ano VI, n.16, p. 263-272, jan./abr. 2005.

SANTOS, Boaventura de S.. Por Uma Sociologia das Ausências e uma Sociologia das Emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, 2002.

WUNDER, Alik. Fotografias como exercícios de olhar. *In: 29ª Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*, 2006, Caxambu ,MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006.

WUNDER, Alik. Restos quase mortais: fotografia, acontecimento e escola *In: 31ª Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)*, Caxambu, 2007.